



## **Misses e normalistas, ícones da presença feminina na geração “Anos Dourados”: um estudo de memórias e representações sociais**

**Misses and elementary schoolteachers, icons of female presence in generation “Golden Years”: a study of social representations and memories**

**Luciene Alves Miguez Naiff  
Denis Giovani Monteiro Naiff**

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

**Celso Pereira de Sá**

Universidade do Estado do Rio de Janeiro  
Brasil

### **Resumo**

Chamamos de “Anos Dourados” no Brasil, do ponto de vista político, o período compreendido entre o suicídio de Vargas e o Regime Militar. As misses e as normalistas eram personagens femininos muito comuns nos Anos Dourados e carregavam a simbologia do que era ser mulher na época. O objetivo geral do presente estudo consistiu em analisar, em termos psicossociais e sob uma orientação comparativa, a memória social do lugar do feminino a propósito de duas de suas manifestações - as misses e as normalistas - no período conhecido como Anos Dourados construída por duas diferentes gerações de habitantes do Rio de Janeiro. Os sujeitos da pesquisa consistiram de amostras de 200 habitantes da cidade do Rio de Janeiro entre idosos e adultos. Os resultados apontam que nos dois grupos pesquisados, as memórias sobre os fenômenos das misses e das normalistas existem, porém são fragmentadas e sem o peso de sua importância na sociedade atual.

**Palavras-chave:** representações sociais; memória social; psicologia social

### **Abstract**

From Brazil's political standpoint, "Golden Years" is the period from the suicide of Vargas (president of Brazil in 1954) and the military regime. The “misses” and elementary schoolteacher female characters were very common in the Golden Years and carried the symbolism of women at the time. The overall objective of this study was to analyze in psychosocial terms and under a comparative orientation, the social memory of the place of women in relation to two of its manifestations - the “misses” and the elementary schoolteachers - by two different generations of inhabitants of Rio de Janeiro. The study subjects consisted of samples of 200 inhabitants of Rio de Janeiro among seniors and adults. Results pointed that in the two surveyed groups, the memories of the phenomena of misses and of elementary schoolteachers exist, however they are fragmented and without the weight of its importance in today's society.

**Keywords:** social representations, social memory, social psychology

### **Introdução**

O estudo ora proposto trata de dois fenômenos que englobam a grande pesquisa que privilegia o período chamado “Anos Dourados”, nomeadamente: as misses Brasil,



representantes nacionais da beleza e elegância, e as normalistas, como eram conhecidas as estudantes do magistério. Parece, pois, oportuno a presente pesquisa, em se tratando da continuidade dos estudos sobre memória social e suas articulações com o campo de interesse da psicologia social que vem sendo consolidado por estudos no Brasil (Dias, Silva, Chalegre, Sá & Wolter, 2011; Moller, Sá & Bezerra, 2003; Naiff & Sá, 2008; Naiff, Sá & Moller, 2003; Naiff, Sá & Naiff, 2008; Sá, 2005a, 2005b, 2007a, 2007b; 2012; Sá & Castro, 2005; Sá, Menandro & Naiff, 2013; Sá, Oliveira, Castro, Vetere & Carvalho, 2009; Sá, Oliveira, Wolter & Vetere, 2011; Sá, Vala & Moller, 1996).

Chamamos de “Anos Dourados” no Brasil, do ponto de vista político, o período compreendido entre o suicídio de Vargas e o Regime Militar. Do ponto de vista social, esse período foi marcado por sentimentos de otimismo, auto-estima elevada e confiança em um futuro promissor. A rigor, esse auspicioso clima político, econômico e cultural, que se seguiu ao término da Segunda Guerra Mundial, caracterizou, segundo Hobsbawm (2004), os anos que, em boa parte do mundo, foi foram vistos como “Dourados”.

O Brasil dos anos 1950 tinha, portanto, características próprias tanto do ponto de vista político-econômico quanto social e cotidiano. Era tempo da ascensão da classe média, animação com o crescimento urbano, maior acesso a informação, lazer e consumo. Na esfera privada havia uma moral sexual diferenciada, o trabalho feminino sendo mais aceito ainda que gerasse alguns preconceitos, ao homem o papel de provedor principal, a feminilidade era representada pelos sentimentos de pureza, resignação e doçura. A principal condição que conferia legitimidade à mulher nos anos 50 era a virgindade que deveria ser preservada até o casamento (Bassanezi, 2008).

A família brasileira também era marcada por esse período histórico no que dizia respeito a sua composição e papéis exercidos por seus membros. Desde a mudança da família colonial para o modelo burguês, a família foi “promovida” a principal grupo socializador que o indivíduo frequenta em sua vida. Enfatizava-se que quaisquer mudanças na estrutura familiar poderiam produzir um indivíduo desviante, já que era no seio familiar que se moldava o cidadão socialmente adaptado (Szymanski, 2002). Essa atribuição fazia da mulher a principal responsável pela formação do novo cidadão. Manzini-Covre (2002) faz a leitura desse papel da mulher como a “guardiã da afetividade familiar: é ela quem deve tomar conta da prole, ser a provedora do alimento e do espírito” (p. 110).

Tendo atendido aos chamados das fábricas para ocuparem o mercado de trabalho, temporariamente desocupado pelos homens no período da guerra, as mulheres logo tiveram de voltar aos afazeres domésticos quando a guerra terminou e os homens precisavam ser inseridos no mercado produtivo. Assim, nos anos 1950 e 1960, a mulher rainha do lar volta a ser prestigiada. A figura simbólica da “Amélia”, cantada em prosa e verso, se torna símbolo da mulher “direita” (Cabral, 2002).



Segundo Bassanezi (2008) uma mulher de classe média dos anos 1950 estava convencida que:

As mulheres nascem para ser donas de casa, esposa e mães e sabem da importância atribuída ao casamento na vida de qualquer mulher. Teria aprendido que homens e mulheres vêem o sexo de maneira diferente e que a felicidade conjugal depende fundamentalmente dos esforços femininos para manter a família unida e o marido satisfeito (pp.607-608).

Em que pese às conquistas sociais que a partir da década de 1960 deram o tom do lugar do feminino na cultura brasileira, o simbolismo da mulher como dona de casa ainda é muito enraizado no imaginário coletivo. Isto leva à representação do papel social da mulher vinculada ao lar e às tarefas domésticas, mesmo agora, quando a mulher que trabalha fora de casa é uma realidade inquestionável. Nessa perspectiva, é importante observar que as mudanças do papel da mulher na estrutura familiar, e sua saída do âmbito privado para o público, significam conquistas que não estão totalmente concluídas. As mulheres continuam lutando para firmarem-se no campo profissional, receberem salários iguais aos dos homens quando exercem a mesma função e poder ter com eles uma maior divisão de tarefas domésticas do dia-a-dia.

A mulher atual sente a urgência de adotar os novos padrões de comportamentos femininos que pregam a igualdade de direitos com os homens e a necessidade de realização pessoal em sua vida, mas ainda carrega os antigos desejos impostos por sua cultura. Rocha-Coutinho (1994) ilustra bem o sofrimento da mulher nos dias de hoje:

Deste modo, na vida real, os dois modelos foram acoplados e a maioria das mulheres passou, então, a buscar a excelência no lar e no trabalho fora de casa. Enaltecida por uma florescente campanha que prometia o paraíso para quem quisesse trabalhar e ter filhos e cuidar da casa e ainda ser uma amante sempre disposta e disponível, a mulher passou a se desdobrar e, exausta com o peso de todas as responsabilidades, não conseguindo a excelência almejada, começou a interiorizar uma sensação de fracasso. O problema passou a ser individualizado, como se a dificuldade em ser múltipla o tempo todo fosse pessoal (p.114).

As particularidades que caracterizam a vivência do feminino atualmente redimensionam as memórias de gerações que viveram ou foram afetadas por um ideal de mulher de 60 anos atrás. Interessa-nos uma aproximação dos aspectos psicossociais, aqui caracterizados pelo estudo da memória social e das representações sociais, do feminino reapresentado nos conteúdos mnemônicos de nossos sujeitos acerca dos concursos de misses e das normalistas.

As misses e as normalistas eram personagens femininos muito comuns nos Anos Dourados e carregavam a simbologia do que era ser mulher na época. As misses representavam as mulheres admiradas e cobiçadas por sua beleza e retidão. Eram exemplos



de graça, elegância e recato. As estudantes do magistério eram chamadas de normalistas, alcunha derivada do nome Curso Normal que era o equivalente ao ensino médio preparatório para a docência, e faziam parte do imaginário social como as *jovens para casar*.

### **As misses**

Os concursos de misses à época dos Anos Dourados eram considerados um grande evento nacional. Começava nos clubes familiares, passando para os concursos municipais até chegar ao concorrido Miss Brasil. As características próprias às misses seguiam os padrões recomendados às mulheres que viviam aquele período histórico, a saber: discrição, educação, elegância (Giacomini, 2006). As misses representavam mulheres mais admiradas e cobiçadas do país por sua beleza. Os concursos tinham alta audiência e a população acompanhava com torcida e expectativa. Foi um importante fenômeno social de seu tempo e mais particularmente da história do exercício do feminino na sociedade brasileira.

O concurso de miss teve início nos EUA em 1952 (Dias, Silva, Chalegre, Sá & Wolter, 2011). Em 1954 tivemos o primeiro Concurso de Miss Brasil no palácio Quitandinha em Petrópolis com o patrocínio dos maiôs Catalina. Com a cobertura da mídia da época, os concursos de misses passaram a ter um enorme apelo popular. Suas transmissões eram acompanhadas, as disputas tinham torcidas, e as misses eram as celebridades da época.

Durante o período retratado no presente estudo as misses Brasil eleitas foram: 1954 – *Maria Marta Hacker Rocha* representando o Estado da Bahia; 1955 – *Emília Barreto Correia Lima* representando o Estado do Ceará; 1956 – *Maria José Cardoso* representando o Estado do Rio Grande do Sul; 1957 – *Terezinha Gonçalves Morango* representando o Estado do Amazonas; 1958 – *Adalgisa Colombo* representando o Distrito Federal, atual Estado do Rio de Janeiro; 1959 – *Vera Regina Ribeiro* representando o Distrito Federal atual Estado do Rio de Janeiro; 1960 – *Gina MacPherson* representando o recém inaugurado Estado da Guanabara, denominação que o Estado do Rio de Janeiro recebeu até 1975. As características das misses supracitadas e impostas a todas as candidatas eram: ser do sexo feminino, cidadã brasileira por no mínimo 12 meses antes do concurso, ter no mínimo 18 anos e no máximo 26 anos, não ser casada ou ter tido o casamento anulado, não ter sido mãe ou estar grávida, não ter sido fotografada ou filmada despida ou com os seios a mostra e ter no mínimo 1,70.<sup>1</sup>

### **As normalistas**

O exercício do magistério por mulheres na sociedade brasileira também marcou a identidade de um período histórico, principalmente pela importância que a profissão ganhou à época do movimento desenvolvimentista brasileiro (Lopes, 2006; Simões, 2006; Magaldi & Neves, 2006). As normalistas são, assim como as misses, um dos ícones da memória dos

<sup>1</sup> Disponível em <http://missesdobrasil.tripod.com/id519.html>. Acessado em 12/11/2013.



Anos Dourados. Elas representavam também uma das manifestações do feminino em consonância ao que se pregava para a mulher da época. O magistério era considerado uma profissão *natural* àquelas que foram talhadas para a maternagem e, portanto, bem visto como trabalho externo ao lar para mulheres *de família* (Bassanezi, 2008).

Bruschini e Amado (1988) argumentam que o aumento do acesso da mulher à educação ao longo dos séculos XIX e XX não veio sem uma nítida discriminação quanto as aptidões e alcances que a mulher poderia atingir profissionalmente. Ainda hoje se fala em profissões femininas e masculinas, pelo peso que os estereótipos tiveram em nossa socialização em relação aos gêneros.

Compondo o imaginário popular, as normalistas eram vistas como objetos de desejo e de retidão. Ficou famosa a música cantada por Nelson Gonçalves e composta por Benedito Lacerda e David Nasser em 1949 especialmente para esse grupo:

Vestida de azul e branco / Trazendo um sorriso franco / No rostinho encantador / Minha linda normalista / Rapidamente conquista / Meu coração sem amor / Eu que trazia fechado / Dentro do peito guardado / Meu coração sofredor / Estou bastante inclinado / A entregá-lo ao cuidado / Daquele brotinho em flor. / Mas, a normalista linda / Não pode casar ainda / Só depois que se formar... / Eu estou apaixonado / O pai da moça é zangado / E o remédio é esperar. (Lacerda & Nasser, 1949).

Os *Anos Dourados*, do ponto de vista da vivência do feminino, podem ser considerados um interstício entre a concepção da mulher pós-guerra e as grandes transformações a partir do final da década de 60 representadas pelos movimentos feministas, a pílula, mudanças nos costumes e moda, divórcio, etc. A mulher desse período está dividida entre uma forte demanda social para ocupar de forma ampla o espaço doméstico e uma tímida inquietação que começa a chegar. Muitas das transformações no papel da mulher resultam das transformações sociais que abarcaram o mundo familiar e privado, conforme discutem Freire Costa (1994); Rocha-Coutinho (1994); Naiff e Sá (2008).

É nesse clima propício que a pesquisa se propõe a analisar a memória social de dois fenômenos importantes para ampliar a discussão da identidade da mulher brasileira que por gerações vem se adaptando aos novos tempos sem conseguir abandonar completamente marcas identitárias importantes do significado do ser mulher em nossa cultura. Pesquisas mostram que passado o fervor do movimento feminista nas décadas da 1960/1970 as mulheres mantêm as conquistas conciliando-as com desejos de maternidade, composição de família e casamento, ainda que isso as sobrecarregue em muitos aspectos (Rocha-Coutinho, 1994; Naiff & Sá, 2008).

A presente pesquisa se apropria, pois, dos fenômenos das misses e das normalistas para explorar a articulação entre os campos teóricos das representações sociais e da memória



social. Portanto, as lembranças “nítidas” ou “desbotadas”<sup>2</sup> coletadas podem fornecer elementos para se discutir como se propagam entre os grupos sociais, de diferentes gêneros e idades, as memórias sobre eventos ou situações passadas.

### **Memória Social e Representações Sociais**

O conceito de memória social, da forma como vem sendo apropriado atualmente, tem basicamente suas origens nas teorias de Halbwachs e de Bartlett como sugerem Sá, Vala e Moller (1996), dentre outros.

Influenciado pela teoria de Durkheim, as idéias do sociólogo francês Halbwachs valorizavam os aspectos coletivos de conceitos até então entendidos como basicamente individuais, como a consciência e a representação (Araújo, 1997).

Enfatizando a impossibilidade de se pensar a memória como uma estrutura mental individual, Halbwachs (1950/1990, 1925/1994) afirma que os indivíduos lembram dentro de um grupo social, usam referências determinadas pela sociedade, têm a tendência a utilizar as memórias de outras pessoas para reforçar suas próprias, e se baseiam em uma estrutura de linguagem e comunicação na construção de suas lembranças. Isto não quer dizer que, por serem todas as memórias coletivas, as pessoas lembrem sempre a mesma coisa. Na verdade, segundo Halbwachs, as lembranças individuais não passam de pontos de vistas de uma situação vivida coletivamente. Vários desses pontos de vista, vividos em grupos diferentes, vão dar o aspecto individual da memória.

A memória é social porque está apoiada nos “quadros sociais de referência” (*les cadres sociaux*), pontos de referência que estruturam nossa memória e a inserem na memória da coletividade a que pertencemos. São eles: monumentos, patrimônio arquitetônico, paisagens, datas, personagens históricos, tradições e costumes, regras de interação, folclore e música, e até mesmo tradições culinárias. Namer (1987), importante seguidor das idéias de Halbwachs, considera os quadros sociais de referência a origem da unificação de dois problemas distintos da sociologia da memória: a memória na sociedade, processo pelo qual os indivíduos participam das formas de manutenção do passado nas suas sociedades e culturas e a memória da sociedade, maneiras pelas quais os indivíduos lembram, preservam ou esquecem de seu passado, que é sempre social. O autor salienta também a importância do esquecimento e das emoções no estudo da memória.

Outro importante teórico da memória social que vem sendo resgatado atualmente é Frederic C. Bartlett, psicólogo social fortemente influenciado pela escola inglesa de antropologia, que enfatizou o aspecto construtivo da memória (Bartlett, 1995). A grande contribuição de Bartlett para o estudo da memória foi a possibilidade de uma interpretação

---

<sup>2</sup>Na concepção de memória adotada no presente estudo, não existem memórias boas ou ruins e sim memórias do passado reconstruídas com os elementos que fazem sentido no presente. Nítidas ou desbotadas, melhoradas ou pioradas são essas as memórias que nos interessam, as atuais.





social de sua construção. O ponto em comum entre a teoria de Halbwachs e a de Bartlett é a importância atribuída à influência de fatores sociais na reconstrução da memória.

As articulações teóricas vêm sendo aprimoradas ao longo da década de 90 e a primeira década do segundo milênio (Bonardi, 2003; Haas & Jodelet, 1999; Jodelet, 1992; Sá, 2000; Sá & Oliveira, 2002; Roussiau & Bonardi, 2002; Viaud, 2003; Roussiau & Renard, 2003). Pesquisas recentes no Brasil vêm explorando os cortes geracionais e suas reproduções mnemônicas de fatos passados (Sá, 2005a; Naiff & Sá, 2008; Naiff, Sá & Naiff, 2008; Sá, Menandro & Naiff, 2013)

Quanto ao presente projeto, além de explorarmos as diversas manifestações da memória social, chamada por Sá (2005a) das “memórias da memória social”, quais sejam: pessoais, comuns, coletivas, históricas, práticas e públicas; proporemos um profícuo diálogo com a perspectiva psicossocial das representações sociais (Moscovici, 1976, 1984). Uma relação privilegiada desta perspectiva com o campo da memória social é encontrada na definição proposta por Jedlowski (2001) para a memória coletiva: “um conjunto de representações sociais acerca do passado que cada grupo produz, institucionaliza, guarda e transmite através da interação de seus membros” (p. 33). Esse mesmo autor propõe chamar de memórias comuns àquelas produzidas não por grupos, tal qual conhecemos, mas por aglomerados de pessoas que não se conhecem e nem mesmo interagem, mas que acessam as mesmas fontes de informação (Jedlowski, 2005).

As representações sociais além de exercerem uma influência sobre aquilo que deve ser conservado na memória e depois aquilo que deve ser lembrado, respeitando a importância desses fatores para o grupo social estão, portanto, a serviço da identidade do grupo e do indivíduo social. Pertencendo aos registros do pensamento social, a representação, a memória e a identidade devem ser cada vez mais vistas, como processos que se somam no entendimento do indivíduo na qualidade de ser social. A relação entre memória e identidade é sentida tanto no plano individual, permitindo um sentimento de continuidade, quanto no plano coletivo, favorecendo um sentimento de pertencimento aos membros do grupo (Jodelet, 1999).

Podemos dizer que existe uma relação de complementaridade entre esses campos de estudo. Se por um lado as representações sociais vêm em busca de tornar o não familiar em familiar por meio da comunicabilidade entre os indivíduos e grupos sociais no dia-a-dia e, portanto, no presente, é no passado que os grupos encontram os elementos que darão lógica a essas representações. A memória, por sua vez, se constitui de representações sociais do passado rerepresentando-as como lembranças e reminiscências. Com isso afirmamos que tanto a memória exerce uma influência sobre o conteúdo representacional quanto as representações sociais direcionam as lembranças. A memória se alimenta de lembranças do passado, mas se apresenta configurada pelo eu presente e tudo o que o influencia, sejam aspectos culturais, representações sociais, preconceitos e estereótipos. Portanto a



configuração que as lembranças terão será também influenciada pelas representações sociais (Roussiau & Bonardi, 2002).

Aprofundando ainda mais estas inter-relações teóricas podemos afirmar que o entorno social não é composto apenas por indivíduos e grupos. O que organiza o universo humano são os fenômenos sociais, práticas e objetos que norteiam as relações interpessoais e grupais. A partir desses e em torno desses que os grupos se mesclam, se definem, criam identidades. Por isso mesmo, como nos lembra Deschamps e Moliner (2009), não encontraremos unanimidade em toda uma sociedade. Ao contrário, teremos grupos sociais que se organizam de forma diferente em relação a um mesmo mundo a sua volta.

Na abordagem estrutural da Teoria das Representações Sociais, o núcleo central é o responsável pela estabilidade da representação social e por sua aderência a um determinado grupo criando identidade e coesão (Sá, 1996; 1998). Deschamps e Moliner (2009) afirmam que por esse motivo uma representação pode ser uma forma do grupo “afirmar suas particularidades e diferenças” em relação a outros (p. 132). Nesse sentido, identidade e representações sociais são conceitos intercambiáveis e dialéticos.

Unidos a essas concepções, os estudos atuais de memória social (Sá, 2013) incorporam elementos próprios da interação social em sua definição. O que lembro é atravessado pelos quadros de referência sociais conforme assinala Halbwachs (1950/1990) e essa lembrança passa pelas representações sociais que compartilho com meu grupo de pertença social. Segundo Sá (2013):

A inclusão da memória na psicologia social (se dá) através da ênfase dada ao objeto próprio desta disciplina – a interação social – como sendo o âmbito de origem e desenvolvimento dos fenômenos da memória social, o que se revela na proposição – a construção, a manutenção e a transmissão da memória depende sempre da interação e da comunicação sociais (p.15).

O objetivo geral do presente estudo consistiu em analisar, em termos psicossociais e sob uma orientação comparativa, a memória social do lugar do feminino a propósito de duas de suas manifestações – as misses e as normalistas – no período conhecido como Anos Dourados construída por duas diferentes gerações de habitantes do Rio de Janeiro.

## **Metodologia**

### **Sujeitos**

Os sujeitos da pesquisa consistiram de amostras de 200 habitantes da cidade do Rio de Janeiro entre idosos e adultos.

Os sujeitos chamados “idosos” consistiram de uma amostra de 100 habitantes na faixa etária de 65 a 75 anos, distribuída igualmente entre os gêneros masculino e feminino que viveram o período quando eram jovens.





Os sujeitos chamados “adultos” consistiram de uma amostra de 100 habitantes na faixa etária de 40 a 55 anos, distribuída igualmente entre os gêneros masculino e feminino que nasceram no final do período dos anos dourados ou na década subsequente e que dele podem ter tido ainda notícia através da interação social direta com os mais velhos.

Os sujeitos tinham em sua maioria (80%) o ensino médio completo (80%) e 75% com renda entre 2 e 5 salários mínimos<sup>3</sup>.

Não foram isoladas outras variáveis além de gênero e faixa etária, já que o estudo objetivava a identificação de memórias de eventos que foram amplamente vivenciados em diferentes condições econômicas e de escolaridade. Pesquisas mostram que para eventos políticos ou históricos, a escolaridade e a situação socioeconômica são variáveis importantes que interferem na qualidade das reminiscências (Naiff, Sá & Naiff, 2008; Sá, Menandro & Naiff, 2013).

### Coleta dos dados

Os dados foram coletados através da aplicação assistida de um questionário que contou com tarefas de associação livre utilizando termos indutores pertinentes aos dois fenômenos relativos aos Anos Dourados que se pretende abordar: concursos de misses e normalistas.

Foram utilizadas tarefas de evocação livre dividida em dois momentos, de acordo com a recomendação de Abric (2003) pela substituição do *rang de aparição* pelo *rang de importância* como produto final da coleta de dados. Nesse sentido, primeiro foi solicitado aos sujeitos que relatassem as cinco primeiras palavras ou frases espontaneamente relacionadas ao termo indutor. No segundo momento foi pedido que hierarquizassem por grau de importância as palavras ou expressões evocadas anteriormente. Essa técnica combinada possui como mérito o aproveitamento do material bruto nascido da associação livre, organizando-o cognitivamente, permitindo assim uma reavaliação da ordem de evocação.

### Análise dos dados

As respostas foram submetidas a uma análise com auxílio do programa de computador EVOC 2003® (*Ensemble de programmes permettant l'analyse des evocations*), cuja lógica procura combinar a frequência com que as palavras e expressões são emitidas pelos sujeitos com a ordem em que cada sujeito as evoca, permitindo apreender quais os elementos das representações sociais estão presentes de forma mais central na produção discursiva.

O cruzamento da frequência média das evocações com a ordem média em que foram evocadas gera quatro quadrantes pelos quais os elementos evocados se distribuem. A técnica

---

<sup>3</sup> Os salários mínimos no período da pesquisa (2011 e 2012) eram respectivamente R\$545,00 (quinhentos e quarenta e cinco reais) e R\$622,00 (seiscentos e vinte e dois reais)



advoga que no quadrante superior esquerdo se alocariam os possíveis elementos centrais e no quadrante inferior direito estariam os elementos claramente periféricos nessa representação. A lógica subjacente à técnica empregada é que os elementos que ao mesmo tempo tenham sido mais freqüentes e mais prontamente evocados teriam maior probabilidade de pertencerem ao núcleo central da representação social estudada (Vergès, 2000; Oliveira, Marques, Gomes & Teixeira, 2005).

A análise dos demais dados do questionário foi feita a partir da categorização e quantificação de seu valor bruto de aparição e a porcentagem em relação ao todo.

### As lembranças e os pensamentos sociais sobre misses e normalistas: Resultados

Serão apresentadas as comparações entre os subgrupos masculinos e os subgrupos femininos entre si e entre os gêneros da mesma faixa de idade. Pela extensão do material recolhido optamos por explorar os elementos que compõem os possíveis núcleos centrais a fim de identificar as similaridades e disparidades entre os subgrupos. Os 4 subgrupos por faixa etária e gênero são: homens de 40 a 55 anos, homens 65-85 anos, mulheres de 40 a 55 anos, mulheres de 65-85 anos, que serão identificados como:

Homens de 40 a 55 anos- H<sup>1</sup>

Homens de 65 a 85 anos - H<sup>2</sup>

Mulheres de 40 a 55 anos - M<sup>1</sup>

Mulheres de 65 a 85 anos - M<sup>2</sup>

Os dados serão apresentados respeitando os termos indutores utilizados na pesquisa, a saber: concursos de miss e normalistas

#### Misses

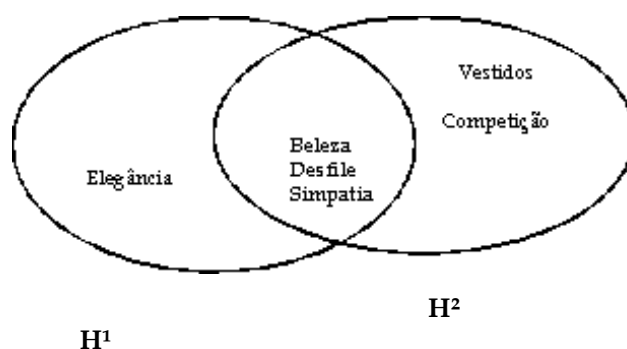


Figura 1 - Intercessão dos prováveis núcleos centrais dos **homens entre 40-55 anos e homens entre 65-85 anos** ao tema "**concurso de miss**"

Entre os homens das duas faixas etárias encontramos como possíveis elementos do núcleo central *beleza, desfile e simpatia*. Esses elementos definem a idéia dos concursos de miss e são, nesse sentido, representações hegemônicas do que significam esses eventos. Os



homens entre 40-55 anos que não viveram os Anos Dourados incorporam em seu núcleo central *elegância* e os idosos que viveram os concursos *vestidos e competição*. Podemos observar que entre os idosos que viveram os concursos de misses nos anos dourados, época em que esses concursos eram de fato acompanhados pela população, a lembrança dos vestidos e da competição ficaram mais vividas. Elementos mais difíceis de serem transmitidos, pois diziam respeito ao clima da época e da lembrança visual dos desfiles (Figura 1).

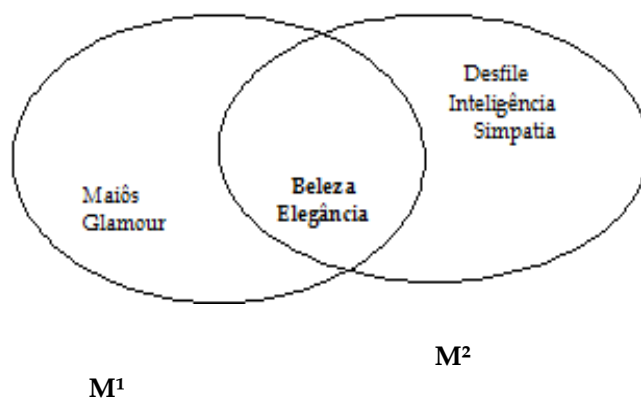


Figura 2 - Interação dos prováveis núcleos centrais das *mulheres de 40-55 anos e de 65-85 anos* ao tema "concursos de miss"

Entre as mulheres, os elementos comuns ocupantes do primeiro quadrante foram *beleza e elegância*. As mulheres de 40 a 55 anos ainda lembram dos *maiôs e glamour* e as mulheres de 65 a 85 anos de *desfile, inteligência e simpatia*.

No grupo das mulheres, percebemos pela Figura 2, que as lembranças levam em conta não apenas os elementos mais difundidos como também incorpora o *glamour* que acompanhava a competição, lembrado pelas mulheres mais novas e a *inteligência*, quesito muitas vezes esquecido ao se falar das misses, mas que contava pontos na disputa lembrado pelo subgrupo das mulheres de 65-85 anos.

Na pergunta direta sobre se tinham ou não lembranças dos concursos de misses, as respostas foram na maioria negativas em todos os subgrupos (H<sup>1</sup>- 78%; H<sup>2</sup> - 66%; M<sup>1</sup> - 68%; M<sup>2</sup> - 74%). Em pesquisa recente conduzida por Sá e outros (2009) os grupos pesquisados relatavam terem lembranças dos concursos. Acreditamos que na presente pesquisa encontramos uma preocupação dos grupos com a exatidão dos fatos lembrados que gerou uma resposta de proteção quando questionados sobre se lembravam ou não. Nesse sentido, ao responderem que não lembravam se eximiam da responsabilidade de serem exatos nas lembranças. No entanto, nas evocações e na pergunta sobre as misses, os subgrupos mostraram terem lembranças, inclusive com detalhes como os *maiôs, o glamour e os vestidos*. As misses, que de fato compuseram a época estudada, mais lembradas nas



perguntas diretas foram Marta Rocha e Adalgiza Colombo atingindo mais de 50% de lembranças nos quatro grupos. A Vera Fisher, apesar de ser do final da década de 60 (1969) representa a miss que teve maior repercussão midiática até os dias atuais e por isso aparece nas lembranças em segundo lugar. A Marta Rocha foi tão lembrada como Miss Brasil quanto ao episódio que protagonizou das duas polegadas a mais que a fizeram perder o Miss Universo. Essa é uma história peculiar dentro da história dos concursos de miss. Quando Martha Rocha perdeu o título de Miss Universo para a americana Miriam Stevenson o repórter que cobria o evento, João Martins da Revista “O Cruzeiro”, inventou que tinha sido pela Miss Brasil ter duas polegadas a mais no quadril, fazendo com isso uma alusão a voluptuosidade incompreendida da brasileira e ao mesmo tempo criando uma justificativa para o orgulho ferido dessa perda para o Brasil. Somente muitos anos depois, Martha Rocha em sua autobiografia afirmou que nunca tiraram suas medidas durante o concurso. A alusão às duas polegadas aparece em dados de pesquisa conduzida por Sá e outros (2009).

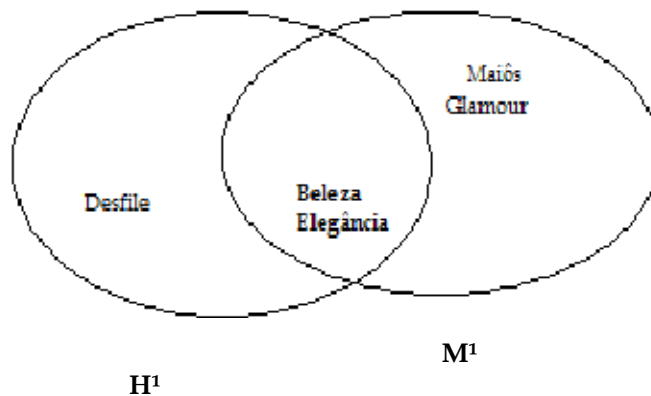


Figura 3 - Intercessão dos prováveis núcleos centrais de **homens de 40-55 anos e mulheres de 40-55 anos** ao tema “concurso de miss”

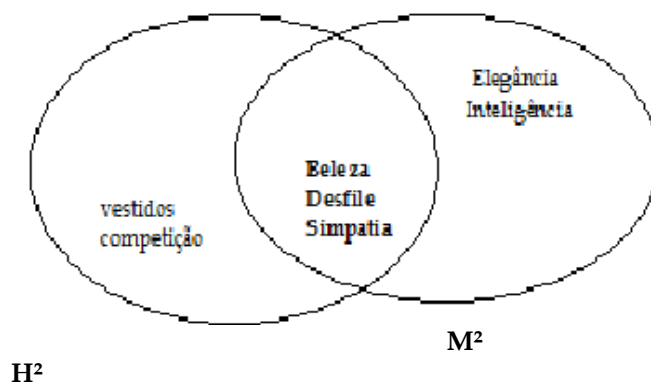


Figura 4 - Intercessão dos prováveis núcleos centrais de **homens de 65-85 anos e mulheres de 65-85 anos** ao tema “concurso de miss”



Entre os gêneros percebemos uma aproximação grande dos núcleos centrais. Exceto os elementos *vestidos* e *competição* que apareceram entre os homens e o elemento *maiô* e *inteligência* que apareceu entre as mulheres, os outros elementos são semelhantes, mostrando que existe uma memória partilhada sobre o fenômeno, conforme observamos na Figura 4 e 5.

As lembranças trazem elementos relacionados às características necessárias a essa posição (*beleza, simpatia, elegância, inteligência*), à imagem (*maiôs, vestidos*) e ao evento em si (*desfile, competição*).

O elemento comum a todos os subgrupos foi *beleza* atributo obrigatório às misses.

### Normalistas

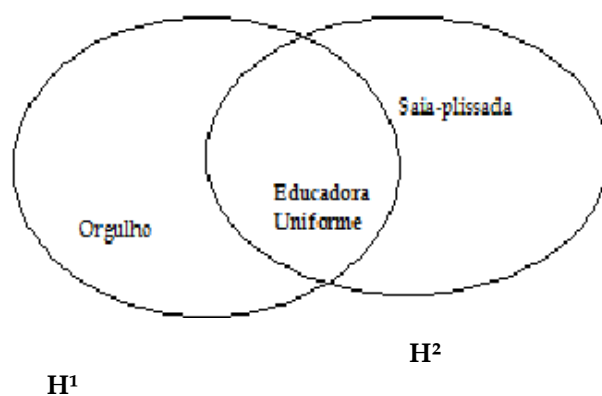


Figura 5 - Intercessão dos prováveis núcleos centrais dos *homens de 40-55 anos e homens 65-85 anos* ao tema "normalista"

Na Figura 5 percebemos que os homens lembram de forma semelhante das normalistas como *educadoras* e do *uniforme*. Os homens mais novos lembram do *orgulho* de ser normalistas e os mais velhos da *saia-plissada*. Os elementos que compõem a imagem das normalistas estão bastante agregados à memória desse grupo. Portanto, detalhes da forma de se vestir aparecem em ambos os grupos.

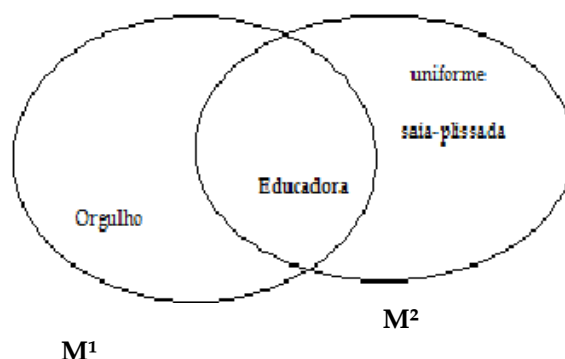


Figura 6 - Intercessão dos prováveis núcleos centrais das *mulheres de 40-55 anos e mulheres de 65-85 anos* ao tema "normalistas"



Os grupos femininos têm em comum o termo *educadora* para se referir às normalistas. O grupo mais novo tem também o termo *orgulho* e as mulheres idosas os termos *uniforme* e *saia plissada*, como aparecem nos prováveis núcleos centrais expostos na Figura 6.

Na pergunta se lembram das normalistas, os componentes dos subgrupos em sua maioria demonstraram lembrar (H<sup>1</sup> - 72%; H<sup>2</sup> - 82% ; M<sup>1</sup> - 62% ; M<sup>2</sup> - 78%). Com pequena ênfase naqueles subgrupos que viveram a época dos anos dourados (H<sup>2</sup> e M<sup>2</sup>). A maioria dos quatro subgrupos (valores maiores que 50%), quando perguntada acerca do tipo de posicionamento social sobre essa profissão, afirmaram ser de aceitação. Não é a toa que o elemento orgulho aparece nos núcleos centrais, em especial da faixa etária mais jovem que já confere outro valor ao trabalho da mulher.

A lembrança da normalista é composta por sua imagem (*saia plissada, uniforme*), sua função (*educadora*) e sua repercussão na vida da jovem (*orgulho*). É importante destacar que o elemento comum a todos os subgrupos foi a função da normalista de *educadora*. Ver a normalista como educadora reforça a idéia de que aquela era uma profissão de mulher por explorar aptidões e dons considerados femininos como o de educar.

Quando perguntados sobre o que significava ser normalista, os subgrupos masculino e feminino das faixas etárias que viveram aquela época (H<sup>2</sup>- 65% e M<sup>2</sup>- 70%) falaram que significava ter uma profissão e realização respectivamente. Portanto, os homens viam como uma profissão da mulher e as mulheres como uma realização, um sonho. Para todos era uma profissão positivada socialmente.

Nas faixas etárias mais jovens tanto os homens quanto as mulheres associaram as normalistas às futuras professoras.

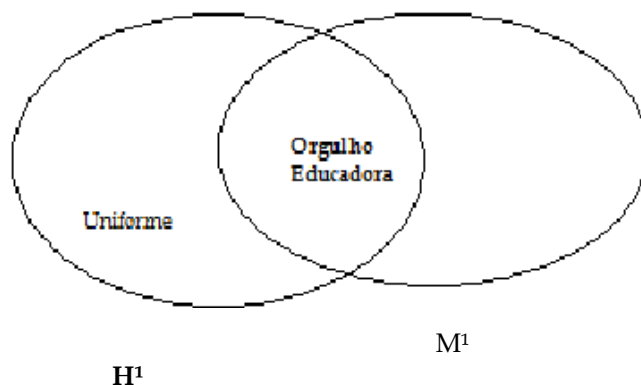


Figura 7 - Intercessão dos prováveis núcleos centrais dos *homens de 40-55 anos e mulheres de 40-55 anos* ao tema "*normalista*"





Figura 8 - Intercessão dos prováveis núcleos centrais dos *homens de 65-85 anos e mulheres de 65-85 anos* ao tema “*normalista*”

Entre os gêneros não encontramos diferenças nos subgrupos dos idosos. Podemos inferir que esses grupos provavelmente tenham representações sociais compartilhadas acerca das normalistas. Entre os adultos apenas o item uniforme aparece no subgrupo masculino, de acordo com as Figuras 7 e 8.

### Misses e normalistas: discutindo os dados

Quando perguntados sobre a forma de acessar os conteúdos desse período histórico, os subgrupos mais jovens de ambos os sexos afirmaram na sua maioria que foi através de pais, avós, parentes (78%), e meios de comunicação (45%) enquanto os subgrupos dos idosos relataram ter vivido (80%) e/ou ter acessado pelos meios de comunicação da época, em especial rádio (75%). Jedlowski (2005), se referindo às memórias comuns oriundas de pessoas que não se conhecem, mas lembram de forma semelhante, afirma que “elas (as pessoas que lembram) se recordam das mesmas coisas porque as viram na televisão ou cinema, porque leram sobre elas nos jornais ou escutaram no rádio” (pp. 90-91). E mais:

Os meios de comunicação sugerem o que vale a pena lembrar e como isto pode ser guardado na memória; eles oferecem quadros cognitivos e afetivos para situar a memória, constituindo critérios de relevância e parâmetros através dos quais as memórias são selecionadas (p. 91).

Levando em conta os dois temas propostos, quais sejam, normalistas e misses, percebemos que as lembranças atuais estão marcadas por uma visão do que foram esses símbolos em nossa sociedade. A miss por sua característica a *beleza* e a normalista por sua função de *educadora* tiveram papéis importante na sociedade da época e serviram a seu tempo correspondendo ao ideal de mulher que se tinha. Foram personagens que até os dias atuais ajudam a moldar o perfil da mulher da época, qual seja, ser elegante e bela sem ser vulgar ou sensual demais e se fosse para se dedicar a uma profissão teria que ser uma que



por sua característica e carga horária (normalmente era meio expediente) favorecesse a mulher manter suas obrigações no lar.

As mudanças foram importantes e grandiosas no que diz respeito ao papel da mulher em nossa sociedade (Rocha-Coutinho, 2005) se compararmos os anos 1950 aos dias de hoje.

Perscrutando a condição feminina, via a memória dos eventos pesquisados, percebemos uma crescente exteriorização da memória, como nos afirma Sá (2005a), isso faz com que haja uma sobre posição entre o que é lembrado e o que se sabe sobre o fato em si. Portanto, seria uma relação simbiótica entre uma memória episódica (aquilo que se viveu) e memória semântica (aquilo que se conheceu) conforme nos relaciona Tulving (1972).

Levando em conta nossos objetos de estudo, percebemos que há uma relação entre o que se lembra (seja pelo vivido ou ouvido falar) com a representação social circulante no presente. Ou seja, o passado e o presente se encontram nas lembranças. Portanto, o que obtivemos como resultados desse estudo foram produzidos socialmente pelos grupos pesquisados incorporando nesse sentido, suas diferenças e particularidades.

A comparação dos prováveis núcleos centrais mostrou diferenças sutis entre os subgrupos, e, levando em conta que é o núcleo central que irá nos proporcionar visualizar as diferenças entre as representações sociais (Abric, 2003) podemos afirmar que as representações sociais são em grande parte partilhadas. Isso nos leva a uma importante reflexão, que tipo de memórias encontramos? Segundo Sá (2005a), encontramos memórias comuns, isto é, aparentemente são memórias pessoais que cada um construiu acerca dos fenômenos apresentados. No entanto, a vivência e a experiência em momentos históricos comuns, ou a imersão em um discurso que legitimou uma versão dos dados, aproximam as lembranças.

Memórias comuns são formadas por pessoas que, mesmo sem estarem reunidas, são expostas aos mesmos fatos e informações e, por isso, acabam por deles guardar mais ou menos as mesmas lembranças, embora não cheguem à elaborá-las coletivamente (Sá, 2013, p. 13).

Nesse sentido, uma geração que tem uma forte identidade de vivências comuns e a geração posterior, que por essa tenha sido socializada, podem adquirir lembranças semelhantes. No caso da presente pesquisa, a variável gênero também é determinante nas diferenças e similitudes dos dados encontrados.

Segundo Lopes (2006), as normalistas não foram meros personagens de seu tempo. A elas era atribuído um ideário de importantes missionárias da nação. As lembranças encontradas na presente pesquisa as apresentam como educadoras de saia-plissada e detendo o orgulho profissional do segmento feminino. As misses, por sua vez, são as belas, simpáticas e elegantes moças que com suas virtudes iriam representar o país e todas as mulheres brasileiras. Sua atual função sensual ou sexual era inexistente nos anos 1950, pelo



menos explicitamente. O que o concurso elegia era o ideal feminino em beleza e recato. Uma miss que saísse da linha, em outras palavras, assumisse em seu mandato um comportamento socialmente reprovável, perdia sua faixa e sua coroa, o que naquela época incluía comportamentos que hoje uma adolescente pode fazer sem medo de reprimendas.

Existem até hoje concursos de misses e estudantes de magistério, mas as misses e normalistas dos anos dourados deram a forma na qual essas representações sociais se ancoram. Através da memória dos subgrupos pesquisados somos capazes de ter uma imagem das misses e das normalistas e de algumas de suas características nos anos 1950. As memórias das misses trazem elementos das características, imagens e ao evento do concurso em si e as memórias das normalistas trazem elementos da imagem, função e repercussão na vida das jovens. São, portanto, elementos perenes que perduram e fixam a idéia desses fenômenos servindo com quadros sociais de referência, àqueles que serviram aos grupos para se apoiarem em suas lembranças, sejam elas episódicas ou semânticas, mas fazendo delas comuns a um grupo cultural (Sá, 2005a; Tulving, 1972).

### Considerações finais

Segundo a classificação proposta por Sá (2005a) podemos dizer que as memórias apresentadas são do tipo memórias comuns, porque partilhadas pela revisitação dos conceitos estudados através de programas de televisão, revistas, jornais e transmissão intergerações. A Rede GLOBO de Televisão exibiu uma minissérie na década de 1980 intitulada Anos Dourados (Braga, 1986) tendo como protagonista uma normalista; os concursos de miss eram acontecimentos grandiosos e sempre são lembrados em programas, filmes ou novelas que retratam a época. Portanto, a mídia fez um importante papel de guardião dessa memória (Jedlowski, 2005).

De uma maneira geral as lembranças são revividas por envolvimento diferentes entre os subgrupos, principalmente por faixa etária. Os grupos de idosos de ambos os gêneros lembram o que viveram e o que escutavam principalmente pelo rádio. O grupo de adultos pela família, pela convivência e pela televisão.

Entre os dois grupos pesquisados, as memórias sobre os fenômenos das misses e das normalistas existem, porém fragmentadas e sem o peso de sua importância na sociedade atual. As diferenças entre os grupos são sutis. As lembranças sofrem o que Bosi (2005) chamou, referindo-se aos pontos em comum nas concepções de memória de Halbwachs e Bartlett, de "modelagem" a partir das idéias e valores dos que lembram.

Podemos dizer que as misses e as normalistas dos anos 1950 deixaram de existir no cotidiano brasileiro da forma como existiam, e somente seus contornos mantiveram-se nítidos. São personagens de um tempo que para os dois grupos pesquisados ainda permanecem no imaginário e compõem o que significou uma determinada época vivida ou



ouvida falar. Sobraram fragmentos icônicos, imagens que perderam muito de sua funcionalidade na atualidade. No entanto, restos de um tempo ainda presentes nas lembranças. Bosi (2005) alerta para as profundas transformações culturais vividas nas sociedades ocidentais e suas conseqüências nas lembranças: “Nossa cultura mudou muito para poder restaurar o passado sem nenhum fracasso” (p. 35).

A presente pesquisa segue no objetivo de consolidar o campo de estudo da Memória Social na interface com a perspectiva psicossocial. O período histórico estudado guarda ainda vínculos com os dias de hoje por ter seus protagonistas vivos e transmissores dessa memória. O reviver e relembrar atualiza as lembranças e traz dados novos para se discutir, no caso do presente projeto, lembranças do gênero feminino na sociedade brasileira.

A relação entre o passado e o presente mantém particularidades que somente nas lembranças podemos enxergar. A memória provoca essa interface entre tempos distintos gerando um produto que não é nem uma foto do que aconteceu, nem uma versão atualizada e estilizada, mas sim um conjunto de fragmentos do ontem e do hoje que são misturados para produzir sentidos que, em última análise, são socialmente construídos.

Revelar essas lembranças possui o mérito de contribuir na construção de um conhecimento dinâmico acerca das memórias sociais que se intercambiam com as representações sociais orientando percepções e práticas no cotidiano.

## Referências

- Abric, J. C. (2003). *Méthodes d'étude des représentations sociales*. Ramonville Saint-Agne, França: Éditions Érès.
- Araújo, V. L. (1997). A reflexão sobre a contribuição do conceito de memória na primeira parte do século XX. *Revista de História DIA-LOGOS*. 1(1), 63-68.
- Bartlett, F. C. (1995). *Remembering: a study in experimental and social psychology*. Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press.
- Bassanezi, C. (2008). As mulheres dos Anos Dourados. Em M. Del Priore (Org.). *História das mulheres no Brasil* (7a. ed., pp. 607-639). São Paulo: Contexto.
- Bonardi, C. (2003). Représentations sociales et mémoire: de la dynamique aux structures premières. *Connexions*, 80, 43-56.
- Bosi, E. (2005). *Memória e sociedade: lembranças de velhos* (13a ed.). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1979).
- Braga, G. (escritor). (1986). *Anos Dourados* [minissérie]. Rio de Janeiro: Rede Globo.
- Bruschini, C. & Amado, T. (1988). Estudos sobre mulher e educação: algumas questões sobre o magistério. *Cadernos de Pesquisa*, 64, 4-13.



- Cabral, C. (2002). *Trabalho social com famílias*. Rio de Janeiro: Booklink.
- Giacomini, S. M. (2006). *A alma da festa*. Belo Horizonte: UFMG.
- Deschamps, J. C. & Moliner, P. (2009). *A identidade em psicologia social: dos processos identitários às representações sociais* (L. M. E. Orth, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 2008).
- Dias, A. P., Silva, F. J., Chalegre, R. F., Sá, C. P. & Wolter, R. P. (2011). Sobre a memória social dos Anos Dourados: fusca, copa do mundo, bossa nova e miss Brasil. *Psicologia: Teoria e prática*, 13(3), 110-123.
- Freire Costa, J. (1994). *Ordem médica e norma familiar*. São Paulo: Graal.
- Haas, V. & Jodelet, D. (1999). Pensée et mémoire sociale. Em J. P. Pétard (Org.) *Manuel de psychologie sociale* (pp. 111-159). Paris: Bréal.
- Halbwachs, M. (1994). *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Édition Albin Michel. (Original publicado em 1925).
- Halbwachs, M. (1990). *A memória coletiva* (B. Sidou, Trad.). São Paulo: Vértice. (Publicação póstuma em 1950).
- Hobsbawm, E. (2004). *A era dos extremos: o breve século XX – 1914-1991* (M. Santarrita, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 1994).
- Jedlowski, P. (2001). Memory and sociology: themes and issues. *Time & Society*, 10(1), 29-44.
- Jedlowski, P. (2005). Memória e mídia: uma perspectiva sociológica. Em C. P. Sá (Org.). *Memória, imaginário e representações sociais* (pp. 87-98). Rio de Janeiro: Museu da República.
- Jodelet, D. (1992). Mémoire de masse: le côté moral et affectif de l’histoire. *Bulletin de Psychologie*, 45(405), 239-256.
- Jodelet, D. (1999). Pensée et mémoire sociale. Em D. Jodelet (Org.). *Manuel de psychologie sociale* (pp. 111-159). Paris: J. P. Petard Ed.
- Lacerda, B. & Nasser D. (1949). Normalista [Gravada por Nelson Gonçalves]. Em *50 anos de boemia: vol. II* [CD]. Rio de Janeiro: Sony Music. (1991).
- Lopes, S. M. C. (2006). Entre história e memória: os Anos Dourados do curso de formação de professores no Instituto de Educação do Rio de Janeiro. Em *Anais Congresso Brasileiro de História da Educação, IV*, (pp. 68-74). Goiânia: Vieira.



- Magaldi, A. N & Neves, C. V. (2006). Valores católicos e profissão docente: um estudo sobre representações em torno do magistério e do “ser professora” (1930/1950). Em *Anais Congresso Brasileiro de História da Educação, IV*, (pp. 32-46). Goiânia: Vieira.
- Manzini-Covre, M. L. (2002). A família, o “feminino”, a cidadania e a subjetividade. Em M. C. Brant de Carvalho (Org.). *A família contemporânea em debate* (4a ed., pp. 105-122). São Paulo: Cortez. (Original publicado em 1995).
- Möller, R. C., Sá, C. P. & Bezerra, F. C. C. (2003). Representações sociais vivas do descobrimento do Brasil: a memória social atualizada de brasileiros e portugueses. *Revista de Psicologia*, 17, 401-413.
- Moscovici, S. (1976). *La psychanalyse, son image et son public*. Paris: PUF.
- Moscovici, S. (1984). The phenomenon of social representations. Em S. Moscovici & R. M. Farr (Orgs.). *Social representations* (pp. 3-69). Cambridge, Inglaterra: Cambridge University Press.
- Naiff, D. G. M., Sá, C. P. & Möller, R. C. (2003). O descobrimento do Brasil na imprensa diária brasileira: a atualização gradativa da memória social. *Revista de Psicologia*, 17, 345-357.
- Naiff, D. G. M., Sá, C. P. & Naiff, L. A. M. (2008). A memória social do Estado Novo em duas gerações. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 28, 110-121.
- Naiff, L. & Sá, C. P. (2007). O legado da exclusão social: um estudo de memórias autobiográficas. *Memorandum*, 13, 88-99. Recuperado em 25 de julho, 2013, de <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a13/migueznaiffsa01.htm>
- Namer, G. (1987). *Mémoire et société*. Paris: Méridiens Klincksieck.
- Oliveira, D. C., Marques, S. C., Gomes, A. M. T. & Teixeira, M. C. T. V. (2005). Análise das evocações livres: uma técnica de análise estrutural das representações sociais. Em A. S. P. Moreira, B. V. Camargo, J. C. Jesuino & S. M. Nóbrega (Orgs.). *Perspectivas teórico-metodológicas em representações sociais* (pp.573-603). João Pessoa: Editora João Pessoa.
- Rocha-Coutinho, M. L. (1994). *Tecendo por trás dos panos: a mulher brasileira nas relações familiares*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Rocha-Coutinho, M. L. (2005). Variações sobre um antigo tema: a maternidade para as mulheres com uma carreira profissional bem-sucedida. Em T. Fêres-Carneiro (Org.). *Família e casal: efeitos da contemporaneidade* (pp. 122-137). Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Loyola.
- Roussiau, N. & Bonardi, C. (2002). Quelle place occupe la mémoire sociale dans le champ des représentations sociales?. Em S. Laurens & N. Roussiau (Orgs.). *La mémoire sociale: identités et représentations sociales* (pp. 33-49). Rennes, França: Presses Universitaires de Rennes.





- Roussiau, N. & Renard, E. (2003). Des représentations sociales à l'institutionnalisation de la mémoire sociale. *Connexions*, 80, 31-41.
- Sá, C. P. (1996). *Núcleo central das representações sociais*. Petrópolis, RJ: Vozes.
- Sá, C. P. (1998). *A construção do objeto de pesquisa em representações sociais*. Rio de Janeiro: UERJ.
- Sá, C. P. (2000). Representações sociais e memória coletiva de um acontecimento remoto. Em M. T. T. B. Lemos, N. A. Moraes & P. A. Leira (Orgs.). *Memória e identidade* (pp. 27-41). Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Sá, C. P. (2005a). As memórias da memória social. Em C. P. Sá. (Org.). *Memória, imaginário e representações sociais* (pp. 63-86). Rio de Janeiro: Museu da República.
- Sá, C. P. (2005b). *Memória, imaginário e representações sociais*. Rio de Janeiro: Museu da República.
- Sá, C. P. (2007a). Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20, 290-295.
- Sá, C. P. (2007b). Sobre a psicologia social no Brasil, entre memórias históricas e pessoais. *Psicologia e Sociedade*, 19, 7-13.
- Sá, C. P. (2007c). Psicologia social da memória: sobre memórias históricas e memórias geracionais. Em A. M. Jacó-Vilela & L. Sato. (Orgs.). *Diálogos em psicologia social* (pp. 53-61). Porto Alegre: Evangraf.
- Sá, C. P. (2012). A memória histórica numa perspectiva psicossocial. *Morpheus*, 9, 91-100.
- Sá, C. P. (2013). A psicologia social da memória: uma sistematização teórico-conceitual. Em C. P. Sá, P. R. Menandro & L. A. M. Naiff (Orgs.). *Psicologia social e o estudo da memória histórica* (pp. 13-26). Curitiba: Apris.
- Sá, C. P. & Castro, P. (2005). *Memórias do descobrimento do Brasil*. Rio de Janeiro: Museu da República.
- Sá, C. P. & Oliveira, D. C. (2002). Sur la mémoire sociale de la découverte du Brésil. Em S. Laurens & N. Roussiau (Orgs.). *La mémoire sociale: identités et représentations sociales* (pp. 107-117). Rennes, França: Presses Universitaires de Rennes.
- Sá, C. P., Oliveira, D. C., Castro, R. V., Vetere, R. & Carvalho, R. V. C. (2009). A memória histórica do Regime Militar ao longo de três gerações no Rio de Janeiro: sua estrutura representacional. *Estudos de Psicologia*, 26, 159-171.
- Sá, C. P., Oliveira, D. C., Wolter, R. M. C. & Vetere, R. (2011). A memória histórica dos Anos Dourados no Rio de Janeiro: Juscelino Kubitschek e a construção de Brasília.



*Memorandum*, 21, 179-194. Recuperado em 25 de julho, 2013, de <http://www.fafich.ufmg.br/memorandum/a21/saoliveirawoltervetere01/>

Sá, C. P., Vala, J. & Moller, R. C. (1996). Memória social, representações e atribuição causal: um estudo comparativo sobre o quinto centenário de 1492. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 48(1), 3-19.

Sá, C. P., Menandro, P. R. & Naiff, L. A. M. (2013). *Psicologia social e o estudo da memória histórica*. Curitiba: Apris.

Simões, R. D. (2006). Ação Integralista brasileira: educando mulheres para as funções de professora e mãe de família. Em *Anais Congresso Brasileiro de História da Educação, IV*, (pp. 85-94). Goiânia: Vieira.

Szymanski, H. (2002). Teorias e "teorias" de famílias. Em M. C. Brant de Carvalho (Org.). *A família contemporânea em debate* (4a. ed., pp. 23-28). São Paulo: Cortez. (Original publicado em 1995).

Tulving, E. (1972). Episodic and semantic memory. Em E. Tulving & W. Donaldson (Orgs.). *Organization of memory* (pp. 381-405). New York: Academic Press.

Vergès, P. (2000). *EVOC : ensemble de programmes permettant l'analyse des évocations: manuel version 2*. Aix-en-Provence, França: LAMES.

Viaud, J. (2003). Mémoire collective, représentations sociales et pratiques sociales. *Connexions*, 80, 13-30.

### **Nota sobre os autores**

*Luciene Alves Miguez Naiff* é doutora em psicologia social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, professora adjunta e coordenadora do mestrado em Psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Jovem Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ e bolsista de produtividade 2 do Cnpq. E-mail: lunaiff@hotmail.com

*Denis Giovani Monteiro Naiff* é doutor em psicologia social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, professor adjunto e coordenador do curso de graduação em psicologia da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. E-mail: dnaiff@ufrj.br

*Celso Pereira de Sá* é doutor em psicologia pela Fundação Getúlio Vargas, professor titular da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Cientista do Nosso Estado pela FAPERJ e pesquisador bolsista de produtividade 1C do Cnpq. E-mail: sa.celso@gmail.com

Data de recebimento: 15/02/2013

Data de aceite: 17/11/2013